

O VÍRUS E A CURA: SANGER E STEIN, E A QUESTÃO DA MULHER

Tânia Maria Pechir Gomes Manzur

Doutora em História das Relações Internacionais, pela Universidade de Brasília. Pós-doutora em História da Política Exterior do Brasil pela Universidade de Miami, Coral Gables. Professora Adjunta de Relações Internacionais na Universidade de Brasília. Membro da Comissão Arquidiocesana de Bioética de Brasília. E-mail: tania.manzur@gmail.com

Resumo: Neste artigo, consideramos que algumas ideias vigentes na atualidade sobre a questão da mulher, incluindo a feminilidade, o papel social, cultural, histórico, os direitos, a educação, o feminismo, entre outros, são fruto de uma visão distorcida ou mesmo desconhecida da realidade humana. Algumas dessas ideias têm como uma de suas principais defensoras e propagadoras a ativista Margaret Sanger, cujas percepções e visões de mundo se propagaram como um vírus, gerando a doença social que é o feminismo na atualidade. Por outro lado, ideias fundamentadas em uma abordagem antropológica e realista da natureza humana, como são as de Edith Stein, não tiveram a mesma abrangência e disseminação. Nossa proposta é apreciar as duas visões de mundo antagônicas, com base principalmente nas ideias dessas duas mulheres contemporâneas, e propor uma inversão: da doença à cura – de Sanger a Stein. São aqui abordadas, para tanto, diferentes vertentes do feminismo, incluindo a visão de Sanger e o advento da antropologia personalista de Stein; também se indica como essa intelectual procurou delinear uma nova forma de se compreender a feminilidade e a masculinidade, e como a essência do ser humano, apreendida por meio de uma busca pelo mais íntimo de cada pessoa, pode indicar a vocação e a missão individual. Essa é a fundamentação do que se conhece como Novo Feminismo, que se propõe aqui como “vacina” contra o vírus das ideias predominantes no feminismo da atualidade, principalmente no feminismo revolucionário marxista, que gerou a monstruosidade intelectual que é o feminismo de gênero.

Palavras-chave: Questão da mulher. Sanger. Stein. Feminismo de gênero. Novo feminismo.

Abstract: In this article, we consider that some current ideas on women, including femininity, the social, cultural, historical roles, rights, education, feminism, among others, are the result of a distorted or even ignorant view of human reality. Some of these ideas have as one of their main advocates and propagandists activist Margaret Sanger, whose perceptions and worldviews have spread like a virus, generating the social disease that is feminism today. On the other hand, ideas grounded in an anthropological and realistic approach to human nature, such as those of Edith Stein, did not have the same comprehensiveness and dissemination. This article aims to appreciate the two opposing worldviews, based mainly on the ideas of these two contemporary women, and propose an inversion: from illness to cure - from Sanger to Stein. To this end, different aspects of feminism are approached, as well as Sanger's socialist views, and the advent of Stein's personalistic anthropology; it also indicates how this great philosopher sought to delineate a new way of understanding femininity and masculinity, and how the essence of the human being, apprehended through a search for the most intimate of each person, can indicate his or her vocation and individual mission. This is the basis of what is known as the New Feminism, which will be proposed here as a “vaccine” against the virus of ideas prevalent in today's feminism, especially in Marxist revolutionary feminism, which generated the intellectual monstrosity that is gender feminism.

Keywords: The woman. Sanger. Stein. Gender feminism. New feminism.

Resumen: En este artículo, consideramos que algunas ideas actuales sobre el tema de la mujer, incluida la feminidad, el rol social, cultural, histórico, los derechos, la educación, el feminismo, entre otros, son el resultado de una visión distorsionada o incluso ignorante de la realidad humana. Algunas de estas ideas tienen como una de sus principales defensoras y activistas, Margaret Sanger, cuyas percepciones y visiones del mundo se han propagado como un virus, generando la enfermedad social que hoy es el feminismo. Por otro lado, las ideas basadas en un enfoque antropológico y realista de la naturaleza humana, como las de Edith Stein, no han tenido el mismo alcance y difusión. Nuestra propuesta es apreciar las dos cosmovisiones opuestas, basadas principalmente en las ideas de estas dos mujeres contemporáneas, y proponer una inversión: de la enfermedad a la cura, de Sanger a Stein. Con este fin, se abordan diferentes aspectos del feminismo, incluida la visión de Sanger y el advenimiento de la antropología personalista de Stein; también indicamos cómo esta filósofa buscó delinear una nueva forma de entender la feminidad y la masculinidad, y cómo la esencia del ser humano, aprehendido a través de la búsqueda de lo más íntimo de cada persona, puede indicar la vocación y la misión individual. Esta es la base de lo que se conoce como el Nuevo Feminismo, que se propondrá aquí como una "vacuna" contra el virus de las ideas predominantes en el feminismo actual, especialmente en el feminismo revolucionario marxista, que generó la monstruosidad intelectual que es el feminismo de género.

Palabras clave: El tema de la mujer. Sanger. Stein. Feminismo de género. Nuevo feminismo.

Sommario: In questo articolo, riteniamo che alcune idee attuali sul tema delle donne, tra cui la femminilità, il suo ruolo sociale, culturale, storico, i diritti, l'educazione, il femminismo, tra gli altri, siano il risultato di una visione distorta o addirittura ignara della realtà umana. Alcune di queste idee hanno come una delle loro principali sostenitrici e divulgatrici l'attivista Margaret Sanger, le cui percezioni e visioni del mondo si diffondono come un virus, generando la malattia sociale che è il femminismo oggi. D'altra parte, le idee fondate su un approccio antropologico e realistico alla natura umana, come quelle di Edith Stein, non avevano la stessa diffusione. La nostra proposta è di apprezzare le due visioni del mondo opposte, basate principalmente sulle idee di queste due donne contemporanee, e di proporre un'inversione: dalla malattia alla cura, da Sanger a Stein. A tal fine, vengono affrontati diversi

filoni di femminismo, tra cui la visione di Sanger e l'avvento dell'antropologia personalistica di Stein; ci si indica anche come questa intellettuale abbia cercato di delinearare un nuovo modo di intendere la femminilità e la mascolinità e come l'essenza dell'essere umano, catturata attraverso la ricerca del più intimo di ogni persona, possa indicare la vocazione e la missione individuale. Questa è la base di quello che è noto come il Nuovo Femminismo, che verrà proposto qui come "vaccino" contro il virus delle idee prevalente nel femminismo di oggi, specialmente nel femminismo rivoluzionario marxista, che ha generato la monstruosità intellettuale che è il femminismo di genere.

Parole chiave: Problema della donna. Sanger. Stein. Femminismo di genere. Nuovo femminismo.

Résumé: Dans cet article, on considère que certaines idées actuelles sur la question des femmes, notamment la féminité, le rôle social, culturel et historique, les droits, l'éducation, le féminisme, entre autres, résultent d'une vision déformée, voire ignorante, de la réalité humaine. Certaines de ces idées ont Margaret Sanger comme une de principales défenseurs et propagatrices, dont les perceptions et les visions du monde se sont propagées comme un virus, générant ainsi la maladie sociale qu'est le féminisme aujourd'hui. Par ailleurs, les idées fondées sur une approche anthropologique et réaliste de la nature humaine, telles que celles d'Edith Stein, n'avaient pas la même atteinte et la même diffusion. Cet article vise à apprécier les deux visions du monde opposées, principalement basées sur les idées de ces deux femmes contemporaines, et propose une inversion: de la maladie à la guérison - de Sanger à Stein. À cette fin, différents aspects du féminisme sont abordés, ainsi que les vues de Sanger et l'avènement de l'anthropologie personaliste de Stein; cela indique également comment ce grand philosophe a cherché à définir une nouvelle façon de comprendre la féminité et la masculinité, et comment l'essence de l'être humain, appréhendé à travers une recherche du plus intime de chacun, peut indiquer sa vocation et sa mission individuelle. C'est la base de ce que l'on appelle Nouveau Féminisme, qui sera proposé ici comme un «vaccin» contre le virus des idées répandu dans le féminisme actuel, en particulier dans le féminisme révolutionnaire marxiste, qui a généré la monstruosité intellectuelle qu'est le féminisme de genre.

Mots-clés: La femme. Sanger. Stein. Le féminisme de genre. Nouveau féminisme.

INTRODUÇÃO

Duas mulheres que viveram no mesmo tempo histórico, cujo trabalho foi fundamentalmente desenvolvido no início do século XX, têm enorme relevância para se compreender a questão da mulher na atualidade; uma delas teve suas ideias disseminadas e incorporadas à evolução (ou, como veremos ao longo do artigo, involução) do feminismo. A outra, não. Uma delas era socialista, anticatólica; a outra judia, depois atea e, posteriormente, monja carmelita.

A primeira a que aludimos é Margaret Sanger, cuja visão de mundo, perspectivas sobre a mulher e sobre o feminismo deram múnus ao feminismo revolucionário e sua posterior criação: o feminismo de gênero. Sanger foi ativista pioneira do controle de natalidade nos Estados Unidos e no mundo. Sendo socialista radical, compreendia o mundo como uma luta entre opressores e oprimidos, no caso específico, entre homens e mulheres, ou entre mulheres e todos aqueles que não aceitavam a liberdade sexual e a igualdade entre os sexos em termos da vivência da sexualidade. Defendia que a contracepção seria a forma mais adequada de dar à mulher essa liberdade, inclusive em relação a sua própria biologia. Negava, portanto, a natureza humana e sua essência.

A segunda é Edith Stein, que ao entrar no Carmelo, assumiu o nome de Teresa Benedita da Cruz. Por suas origens judias, foi perseguida pelo nazismo e morreu em campo de concentração. Stein foi professora, pedagoga, filósofa, teóloga, estudiosa da fenomenologia, e proponente de um novo feminismo, que superasse os antagonismos, as incoerências e confusões do feminismo de seus dias. Stein lutou pela possibilidade de mulheres como ela terem carreira relevante na academia; compreendia a luta por direitos das mulheres como um movimento válido, porém deturpado por uma excessiva contraposição entre mulheres e homens. Foi sufragista na Alemanha. Notabilizou-se pela busca da verdade. Suas ideias, se houvessem prevalecido, poderiam ter poupado o mundo do flagelo de um feminismo que coloca mulheres contra

homens, que aniquila as diferenças, que aplaca a complementaridade entre os dois sexos. As ideias nefastas se propagam como um vírus, que gerou neste caso uma doença grave. Mas o pensamento de Edith Stein fundamentou o Novo Feminismo Católico, proposto por São João Paulo II. Ele pode ainda servir como uma vacina contra o vírus, e combater uma das piores doenças da atualidade. É o que propomos apresentar neste artigo.

O VÍRUS: SANGER, SOCIALISMO, FEMINISMO, CONTROLE DE NATALIDADE, EUGENIA, ABORTO

Margaret Higgins, posteriormente Margaret Sanger, nasceu em 1879, em Corning, nos Estados Unidos, em uma família de ascendência irlandesa. A mãe era católica, e o pai um “livre pensador”, bastante envolvido em política, e com problemas de alcoolismo, o que limitava e prejudicava sua atuação profissional como pedreiro. A família, formada pelos pais e onze filhos, viveu em pobreza, em decorrência do pouco engajamento do pai no trabalho, o que levou Margaret a estudar enfermagem, a fim de conseguir uma vida melhor do que aquela que levava em sua família de origem. Casou-se com o arquiteto William Sanger, em 1902, e com ele teve três filhos.

Margaret, em sua atuação como enfermeira, cuidou de muitas mulheres que morriam em decorrência de aborto; segundo ela, a drástica situação de vulnerabilidade das mulheres, que se sujeitavam a condições de saúde precárias, sugeria que o risco de vida decorria do desconhecimento que elas tinham do seu próprio corpo e, mais especificamente, de seu sistema reprodutivo. Anne, mãe de Margaret, por exemplo, teve alguns abortos espontâneos para além das onze gestações que vieram a termo; Margaret acreditava que o elevado número de gestações por que a mãe havia passado teria abalado sua saúde e contribuído para sua morte precoce. Essa percepção foi relevante para que, futuramente, Margaret desenvolvesse e aprofundasse sua militância a favor do controle da natalidade, o que veremos posteriormente neste artigo.

Margaret Sanger defendia a igualdade entre homens e mulheres, os direitos das mulheres a voto e participação efetiva na vida socioeconômica norte-americana, e como muitas feministas de sua época, envolveu-se profundamente em causas socialistas; participou do Comitê Feminino do Partido Socialista de Nova Iorque, bem como da organização intitulada *Industrial Workers of the World (IWW)*, que congregava trabalhadores conhecidos como Wobblies, que se opunham à adesão ao modo de vida capitalista; o IWW tinha entre seus fundadores socialistas renomados nos Estados Unidos, tais como Daniel De Leon, do Partido Trabalhista Socialista, e Eugene V. Debs, do Partido Socialista. Sanger se alinhava às ideias propagadas por esses indivíduos e as transpunha para as relações entre homens e mulheres e a inserção das mulheres na sociedade. Como socialista radical, acreditava que a igualdade econômica, já então pleiteada pelos indivíduos aderentes ao movimento feminista, somente poderia acontecer se as mulheres fossem “sexualmente iguais” aos homens. A mulher teria de ser libertada do fardo da gravidez indesejada e, para tanto, precisaria conhecer métodos anticoncepcionais.

Em 1914, Sanger publicou seu panfleto *The Woman Rebel*, direcionado a mulheres trabalhadoras, enfatizando o “direito das mulheres a controlar seu próprio corpo”. Nesse panfleto, temas como prostituição, sexo, direitos das mulheres, e “escravidão por meio da maternidade” são tratados de modo aberto e claramente escandaloso para o tempo em que foram abordados. Era um libelo em prol da liberdade sexual para moças, que denunciava os estereótipos atribuídos às moças que já haviam tido sua iniciação sexual, e que preconizava igualdade de julgamento para moças e rapazes quanto a sua sexualidade. Argumentava que muitas moças haviam tido sua iniciação sexual com namorados ou noivos, mas tendo sofrido todo tipo de discriminação e julgamento, acabaram por ser induzidas à prostituição. A intenção deliberada de Sanger era, inclusive, que o panfleto circulasse entre prostitutas – que desse visibilidade a elas, que expusesse a perseguição policial a elas, e desse

livre voz a seus “pensamentos, esperanças e opiniões”; além disso, o panfleto advogava a emancipação econômica e jurídica da mulher (SANGER, 1914, p.1), em face das múltiplas escravidões a que ela estaria sujeita por conta do casamento, da maternidade, e de outras instituições que em última instância apenas contribuiriam para relegar a mulher a um plano secundário na sociedade. Para Sanger, isso somente poderia mudar se a mulher alcançasse igualdade sexual, o que demandaria um grande esforço de instrução e convencimento das mulheres sobre controle de natalidade.

Sanger estava ciente de que, com tal publicação, violava leis federais contra obscenidades, conforme a Lei Federal Comstock¹. Logo que ela publicou o primeiro número, foi procurada por autoridades policiais, mas se recusou a parar de publicar seu pequeno jornal feminista-socialista instigando as mulheres à independência sexual pela via da contracepção. Para evitar ser presa, em novembro de 1914, fugiu para Montreal e, posteriormente, para a Inglaterra, não sem antes publicar um livreto chamado *Family Limitation*. Esse panfleto era ostensivo e gráfico em termos de controle de natalidade; era detalhado e direto sobre formas diferentes de evitar a gravidez, bem como sobre maneiras de promover e implementar o controle de natalidade, e teve grande alcance e publicidade. A obra indicava meios de evitar a gravidez, sugerindo, entre outras coisas que, se houvesse a mínima possibilidade de o “fluido masculino” ter entrado na vagina da mulher, ela tomasse, na mesma noite do ocorrido,

(...) cinco ou dez grãos de quinino, com uma bebida quente. O quinino em forma de cápsula é considerado mais fresco, mas se ele for tomado não se pode usar bebidas alcoólicas imediatamente após, dado que o álcool endurece as cápsulas, assim retardando a ação do quinino (SANGER, 1917, p. 42)².

¹ A Federal Comstock Law, de 1873, foi publicada como um ato de “supressão de comércio e circulação de literatura e artigos de uso imoral”, e criminalizava a publicação, distribuição e posse de informação sobre aborto ou contracepção (<https://www.britannica.com/event/Comstock-Act>).

² Neste artigo, todos os textos em língua estrangeira são traduzidos livremente pela autora.

Outras partes da obra eram bastante claras quanto ao controle, pela mulher, do período menstrual, da necessidade de conhecer seu próprio corpo, de saber se era regular ou irregular em termos hormonais, de colaborar para a ocorrência dos ciclos menstruais por meio da ingestão de laxantes, bem como de meios para expulsar o sêmen do útero da mulher (SANGER, 1917, p. 4). O texto esclarece, ainda, que se essas medidas não funcionassem, era possível que a concepção tivesse ocorrido, e que “qualquer tentativa de interferir no desenvolvimento do óvulo fertilizado é chamada aborto”. Sobre a situação em que houvesse risco de concepção, Sanger afirma: “Ninguém duvida que em alguns casos o aborto é justificável, mas será desnecessário se forem tomados cuidados para prevenir a concepção” (SANGER, 1917, p. 5). Isso mostra que, a despeito de muitos compreenderem que Sanger não era abortista, haja vista sua ênfase maior nos métodos de contracepção e mesmo algumas afirmações suas contra a prática, há certa leniência da autora e ativista quanto a alguns casos em que o aborto seria “justificável”. Em textos posteriores, Sanger esclarece melhor algumas razões para justificar o aborto, tais como ameaça à vida da mãe, ou pobreza extrema, e afirma que as mulheres são levadas a esses “crimes” (entre aspas, o que ameniza a gravidade do aborto) para limitar o tamanho da família. A mesma sociedade que permitiria a repressão a tudo que fosse mais elevadamente feminino, é a que permite, contudo pune, o aborto e o infanticídio (SANGER, 1920, p. 50). Há, nas afirmações de Sanger, uma evidente relativização da gravidade desses crimes, uma tentativa de atribuir culpas à coletividade e, com isso, minimizar culpas individuais (conforme o marxismo e suas crias coletivistas), o que nos leva a pensar que, a despeito do discurso por vezes explicitamente contrário ao aborto, na prática Sanger lhe tirava o peso real.

O texto de *Family Limitation* ainda trata de outras formas de contracepção, tais como o *coitus interruptus*, a ducha vaginal – inclusive sugerindo o uso de substâncias, tais como Lysol, permanganato de potássio, solução salina –,

esponjas, preservativos de borracha, pessários, entre outras que, no livreto, eram apresentadas até mesmo com desenhos (SANGER, 1917, p. 6 a 16). É evidente que com esse tipo de instrução, de vocabulário e abordagem, Sanger teria problemas com a legislação da época. Consequentemente, ela foi processada por afrontar as referidas leis contra obscenidades. Mesmo após sua fuga para a Inglaterra, amigos e pessoas próximas continuaram a circular as publicações; William Sanger, então ex-marido de Margaret (de quem se divorciou apenas em 1921), foi preso vendendo a um agente policial disfarçado uma cópia do livreto; por conta disso, ele começou a ter muita fama à custa de algo que ela havia escrito, o que fez com que Margaret voltasse aos EUA, em 1915, para passar por julgamento e assumir a autoria do trabalho. Mas sua filha de cinco anos morreu de pneumonia, o que gerou uma onda de apoio a Sanger, e o governo decidiu retirar as acusações.

Em 1916, Sanger abriu no Brooklyn a primeira clínica de controle de natalidade. Novamente o governo foi em seu encalço, dado que como enfermeira ela não teria autorização para coordenar uma clínica daquele tipo. Uma agente disfarçada foi até a clínica solicitar serviços de controle de natalidade e, ao ser atendida, procedeu ao fechamento da clínica. Sanger foi condenada e presa por trinta dias. Posteriormente, Sanger descobriu que um médico poderia prescrever métodos de controle de natalidade. Abriu, então, uma clínica, daquela feita legal, com uma médica que tinha autorização para prescrever e distribuir os métodos de controle de natalidade. O modelo serviu para outras clínicas abrirem nos EUA.

Sanger organizou, em 1921, a *American Birth Control League*. Nos anos 20 e 30, Sanger tentou tornar o movimento tão disseminado a ponto de passar a ser o padrão de instrução e comportamento feminino em questões de sexualidade. Para tanto, passou a tentar trazer mulheres ricas, médicos e outras pessoas de influência para seu movimento. Ocorre que suas ideias radicais começaram a gerar resistência e, com a participação de outras pessoas influentes no movimento, nem sempre prevaleciam. Por volta de

1939, quando sua clínica de controle de natalidade que ela havia fundado se fundiu com a *American Birth Control League*, criou-se a *Birth Control Federation of America*. E Sanger começou a se sentir excluída do processo que ela própria havia iniciado, com seus objetivos e estratégias. Em 1942, quando aquela organização mudou de nome para *Planned Parenthood Federation of America* (PPFA), Sanger compreendeu que havia perdido controle. Mas ela não havia perdido poder. Continuava a cruzada em prol da legalização dos contraceptivos e de outros métodos de controle de natalidade, lutando contra as leis norte-americanas antagônicas a essas práticas. A intenção de Sanger era passar no Congresso leis federais sobre o controle de natalidade. Na verdade, o controle de natalidade nos EUA só se tornou legal em 1965, um ano antes de Sanger morrer. Mas ela conseguiu antes disso (em 1936) autorização legal para que médicos pudessem importar anticoncepcionais do Japão e administrar a suas pacientes, o que já significou um grande avanço na proposta de ampliar a abrangência e normalização do controle de natalidade.

Sanger tentou internacionalizar, globalizar seu movimento. Encontrou-se, por exemplo, com Mahatma Ghandi, em 1936, e procurou emplacar a ideia de que abstinência não seria o melhor modo de evitar filhos, de que seria necessária uma cruzada internacional em prol da instrução de mulheres quanto ao conhecimento do próprio corpo, dos perigos da maternidade indesejada, entre outros. Ghandi não comprou a ideia, mas Sanger foi bem sucedida, em outras partes, em falar de controle de natalidade e espalhar as práticas e ideias da PPFA internacionalmente, ampliando a organização para se tornar a *International Planned Parenthood Federation*, IPPF, atualmente conhecida mundialmente pelo ativismo em favor do aborto³.

Sanger queria que mulheres tivessem acesso não apenas a serviços públicos de saúde, a métodos de controle de natalidade patrocinados pelo

³ É relevante ressaltar que a Planned Parenthood começou a realizar abortos apenas em 1973, depois da decisão da Suprema Corte no caso Roe VS Wade.

Estado, mas também a métodos cada vez mais seguros. Ela fomentou estudos sobre espermicidas, pomadas, para que mulheres pudessem “decidir sobre se corpo”, decidirem quando e se deveriam engravidar. Nesse sentido, Katharine McCormick, uma filantropista, foi apresentada por Sanger, a Gregory Pincus, e eles desenvolveram a primeira pílula anticoncepcional nos EUA, no início da década de 1960. Sanger magnificava a eficácia dos métodos contraceptivos cuja disseminação ela patrocinava, e lhes atribuía eficácia bem maior do que eles tinham; mas essa era uma estratégia que convencia a muitos, e afastava a crítica.

Ocorre que Margaret Sanger, para além de suas ideias feministas socialistas, e de sua militância em favor da contracepção, era uma eugenista e se colocava frontalmente contra as ideias católicas de defesa da família, abertura à vida e planejamento familiar por meio de métodos naturais. Eugenia é o estudo ou ciência da seleção racial que tem como objetivo melhorar ou fortalecer a raça humana biológica, psicológica, comportamentalmente. Tem seu fundamento nas ideias de Francis Galton, ao final do século XIX, com base em percepções de determinismo biológico. Muitos nativistas norte-americanos compraram essas ideias e, no intuito de preservar e fortalecer as qualidades daquilo que seria “realmente norte-americano”, aderiram ao movimento eugenista e ajudaram a proliferar as ideias.

Sanger era uma dessas pessoas; apoiava a esterilização eugênica, haja vista sua insistência em proteger a sociedade da proliferação dos “unfit”, os inaptos, ou pessoas incapazes de levar uma vida normal ou alcançar melhores meios de vida, aquelas com defeitos físicos ou mentais, as também os criminosos, os idiotas, os imbecis, os estupradores. Ela dizia: “Como defensora do controle de natalidade, desejo aproveitar a presente oportunidade para apontar o desequilíbrio existente entre a taxa de nascimento entre os aptos e aquela dos inaptos, sendo esta última a maior ameaça à civilização” (SANGER, 1921).

Era preciso, segundo Sanger, controlar o tamanho das famílias; todas as classes, no mundo inteiro, exercitariam, naquele momento, formas de controlar ou regular a paternidade; apenas os inaptos procriavam de forma aleatória, sem controle. Ela também considerava que um dos piores males dos tempos em que viveu eram as grandes famílias, que ter muitos filhos era uma prática imoral: "o pior dos males de nossos tempos é o encorajamento de se trazerem ao mundo famílias numerosas. A prática mais imoral dos tempos atuais é gerar muitas crianças" (SANGER 1920, cap. 5). Ela denunciava que muitas vezes se deixava que essas pessoas procriassem a tal ponto que nem as intervenções externas resolveriam o problema. Para ela, nos grupos sociais compostos pelos menos aptos, a taxa de natalidade deveria ser reduzida, inclusive com apoio de políticas governamentais (SANGER, s/d). Afirmava que "o problema emergencial da segregação e da esterilização deve ser encarado imediatamente... Ademais, quando percebemos que cada pessoa de mente fraca é uma fonte potencial sem fim de defeito na sua descendência, preferimos a imediata esterilização" (SANGER, 1922, p. 101-102). Especificamente sobre a intervenção estatal para coagir os pobres a um processo de esterilização, Sanger defendia que caberia ao governo norte-americano estabelecer o exemplo adequado ao mundo, oferecendo uma pensão anual a todos os pais inaptos que se sujeitassem a esterilização; desse modo, os doentes e retardados não teriam posteridade que viesse a herdar sua condição (SANGER, 1926, p. 299). Ela também fomentava a ideia de que políticas públicas de esterilização deveriam ser rígidas e atingir especialmente as populações cuja prole é defeituosa. O Congresso deveria ter uma política populacional rígida e firme para esterilizar e segregar a população cuja prole fosse defeituosa, para que os traços imperfeitos não fossem transmitidos para filhos e netos (SANGER, 1932, p. 107).

Pode-se inferir disso que, ademais de trabalhar com base em ideias eugênicas, Sanger também favoreceria o que hoje se entende por disgenia, que é o estudo ou os fundamentos da degeneração racial, isto é, dos

elementos que podem levar à deterioração da raça humana ou a subdivisões nela. Sanger foi uma das pessoas influentes que associaram suas ideias sobre controle de natalidade com a ideologia do determinismo biológico. Ela chegava a defender a ideia de que anticoncepcionais poderiam ser usados para se procurar alcançar o “autodirecionamento da evolução humana”. Procurou associar disgenia, eugenia e contracepção, ao estimular aquilo que chamava de “saúde racial” (*racial health*), e buscava no movimento nazista da Alemanha exemplos de coragem governamental para intervir na disseminação de traços hereditários (defeitos físicos ou mentais de um ser humano) que não são úteis para fortalecer e dar poder à raça humana, dado que contribuiriam para reproduzir os “unfit”. Sanger entendia que a grande responsabilidade da paternidade era diminuir o potencial de fragilidade biológica em todas as pessoas. E ela defendia o controle de natalidade como forma de contribuir para o melhoramento genético das diferentes populações; claro que a essa perspectiva, ela associava a isso a ideia de que “toda mulher deve ser liberta da escravidão de uma gravidez indesejada” (Sanger, 1921, p. 5).

Um dos documentos que mais claramente expõem as ideias de Sanger é um dos discursos que compõem a série *My way to peace*, por ela publicada. Esse discurso foi feito por Sanger na New History Society, em 1932. Nele, Sanger propõe, como caminho para a manutenção da paz, o estabelecimento, no Congresso norte-americano, de um departamento para o estudo de problemas populacionais, e a designação de Diretores de População cuja finalidade é representar vários braços da ciência para dirigir e controlar a população por meio de taxas de nascimento e imigração estabelecidas pelo Estado, e direcionar sua distribuição nacionalmente, de acordo com necessidades do país. A proposta visava a promover a inteligência da população, fechar as portas a imigrantes de baixa capacidade, propor políticas de esterilização e segregação aos incapazes, entre outras formas de “purificar a raça”. Para tanto, alguns passos seriam necessários, entre os quais controlar a entrada e proliferação de pessoas retardadas mentais,

defeituosas; inventariar e segregar os analfabetos, os miseráveis, os sem capacidade para serem empregados, os criminosos, as prostitutas, os dependentes de drogas; instruir mulheres fracas ou doentes a não terem filhos; regulamentar o crescimento populacional, limitando os nascimentos dos incapazes e, ao mesmo tempo, abrindo “os portões” dos EUA apenas para habitantes de outros países com “talentos inatos e características nacionais desejáveis”, “eliminando inteiramente a imigração de indivíduos de países cujos nacionais tenham dificuldade de se assimilar (SANGER, 1931).

É certo que todas as ideias de Sanger quanto a contracepção, eugenia, disgenia, limitação forçada do número de filhos, controle de natalidade estatal, entre outros, afrontavam o catolicismo de forma indelével. E ela o fazia de modo consciente. Sua visão de mundo marxista preconizava tanto a perspectiva revolucionária (sobre a qual falaremos posteriormente neste artigo) quanto a necessidade de, em nome da revolução e da utópica criação da sociedade ideal, destruir aquela sociedade por ela considerada deteriorada e opressora, burguesa, fundada na religião, na moral e nos bons costumes (fundamentalmente cristã e, dada sua ascendência irlandesa, especificamente católica). Sobre essa dimensão anticatólica das ideias de Sanger, para além da questão do controle de natalidade, várias afirmações eram feitas contra a instituição do casamento, a conexão entre casamento e filiação, apoio à esterilização, entre outros. Ela entendia, por exemplo, que um contrato matrimonial deveria trazer em si a dimensão do direito ao homem e à mulher de compartilharem um lar comum, e não trazer dentro de si o “direito à paternidade” (SANGER, 1934). Na mesma publicação, ela considerava que deveria haver uma licença estatal para a paternidade, e que não deveria passar de um filho. Deveria, ademais, haver confirmação de que os casais casados teriam condições financeiras de cuidar do filho, ter as qualificações necessárias, não ter doenças transmissíveis e, da parte da mulher, nenhuma indicação médica de que a maternidade poderia resultar em morte ou dano permanente à saúde.

Referindo-se à manifestação do Papa Pio XI sobre a castidade no matrimônio, na encíclica *Castii Connubii* (1930), Sanger critica o Papa como um homem solteiro que instruía os crentes a regular sua vida conjugal “sem o benefício da ciência, e de acordo com teorias escritas por Santo Agostinho, ele próprio um solteiro que morreu quinze séculos antes”. O Papa, naquele documento, segundo Sanger, tratava de lei divina aplicável ao casamento, o que seria para ela questionável em termos teológicos – cabe aqui a ressalva de que Sanger provavelmente entendia tanto de teologia quanto Pio XI dominava a arte do bordado. Em flagrante desconhecimento da doutrina católica, Sanger afirma que o Papa havia determinado que as mulheres casadas devem ter numerosos filhos, para povoar o mundo e para aumentar o número de membros da Igreja, e que a continência seria o modo de não procriar. E acrescenta: “Minha posição é a de que a doutrina católica é ilógica, em desacordo com a ciência, e definitivamente contra o bem estar social e o melhoramento da raça” (SANGER, 1932b). Sanger também considera, no mesmo documento, que a continência é o meio mais seguro de destruir o casamento. Seria a “negação do amor, a frustração da natureza”. Ademais, pode trazer “desarranjo nervoso sério” e, por isso, pode ser considerada adequada para alguns, mas não para uso geral. De modo a afrontar ainda mais as ideias católicas, busca apoio nas afirmações do Reverendo anglicano W. R. Inge, que teria afirmado, em Londres, que “a alternativa real ao controle de natalidade é o aborto”. Nesse sentido, Sanger compreende que o reverendo anglicano seria contrário à ortodoxia católica fomentadora de uma proliferação populacional, com todas as decorrências sociais e econômicas disso, e que a doutrina do controle de natalidade poderia ser interpretada como a própria essência da cristandade. Mesmo afirmando que o aborto pode ser um recurso para salvar a vida da mãe, Sanger defende com garra a contracepção como alternativa ao aborto, afirmando que o recurso ao aborto como método para simplesmente limitar o nascimento de crianças, é indevido. Que algumas pessoas “mal informadas” têm a noção

de que quando se fala de controle de natalidade, se inclui o aborto como um método, e que isso não seria correto. O aborto, para Sanger, nesse texto, “destrói o ovo já fertilizado, ou o embrião”; a contracepção, para ela, evita a fertilização do óvulo ao manter as células masculinas longe dele. Isso faria com que se evitasse o início da vida (SANGER, 1932b). Contudo, conforme afirmamos anteriormente, esse discurso contrário ao aborto era temperado por ressalvas várias quanto a eventuais necessidades da prática.

Sanger combate fericamente o posicionamento do Papa por ele se opor a legislação favorável ao controle de natalidade; combate a “moralidade” da época que, para ela, era eivada de ignorância e puritanismo; afirma que essa mentalidade não permitia às mulheres serem donas do seu próprio destino, estando sujeitas a ter filhos de forma indiscriminada, o que gerava famílias destruídas, pobres; que incutia a ideia de uma “maternidade sagrada”, que não condizia com a realidade da maior parte das mulheres, que as leis levariam a mulher ou ao celibato ou ao aborto. Defendia a ideia de que o conhecimento da contracepção levaria naturalmente à diminuição do número de abortos, o que na verdade não aconteceu. Nota-se que toda a luta em prol da contracepção gerou, de fato, o oposto: um grande incremento do número de abortos no mundo. Isso porque os fundamentos do “controle de natalidade” são, na verdade, os mesmos da luta pró-aborto. Linda Gordon afirma, a esse respeito, que a relação entre contracepção e aborto deve ser compreendida como complementar, e não como alternativas excludentes. Nenhum método contraceptivo até hoje desenvolvido elimina a possibilidade de aborto; na verdade, na medida em que métodos contraceptivos colaboraram para que as diferentes populações aceitassem e paulatinamente normalizassem o planejamento da vida reprodutiva, cada vez menos se aceita a perda de controle, a surpresa, a concepção indesejada. Segundo Gordon, “uma vez que se aceita a legitimidade moral do controle de natalidade, deve-se aceitar a legitimidade moral do aborto”.

Mesmo que inicialmente os argumentos favoráveis ao controle de natalidade, com base em ideias de Sanger, não se mostrassem claramente indutores da aceitação do aborto, apresentavam-se contra a moral "vitoriana", ou puritana, segundo a qual o homem era livre sexualmente, mas a mulher não. Certamente essa interpretação da moral católica não condiz com a verdade das Escrituras ou da Tradição, mas como ela era associada ao puritanismo pelos defensores de uma igualdade da mulher em termos de sexualidade, nutria-se no senso comum a indevida associação da visão católica do matrimônio, da fidelidade e da abertura à vida, com o puritanismo vitoriano. Ao argumentarem contra a moral "vitoriana" segundo a qual a família era formada por um homem irresponsável sexualmente, e livre, e uma mulher oprimida, feministas dos primórdios do século XX acabaram por convencer-se de que seria do seu interesse eliminar os tabus que envolviam o sexo extramarital. Se mantivessem o compromisso com os princípios de monogamia e fidelidade marital, teriam de preferir a abstinência à contracepção como forma de controle de natalidade. Porém, com o advento dos métodos anticoncepcionais, mesmo os que eram disseminados antes da pílula, teria ficado mais à mostra o "duplo padrão" da moral vitoriana: porque somente homens podiam exercer a "liberdade sexual"? O anticoncepcional ofereceu a "liberdade" para a mulher dissociar sexo de amor, de compromisso, e também de prole (GORDON, 2002). Ocorre que o argumento a favor do aborto é o mesmo. Ele libera a mulher das amarras da moralidade vigente, bem como da prisão da biologia.

As premissas básicas da luta de Sanger pelo controle da natalidade fundamentavam-se na ideia de que a mulher deveria ser livre para perseguir o prazer sexual, levando uma vida sexual liberada da possibilidade de reprodução. Sanger entendia que o crescimento populacional inevitavelmente levaria a fome e destruição da humanidade (em uma perspectiva neomaltusiana que clamava pelo controle populacional não

por meio da abstinência, mas da contracepção); a mulher era escrava sexual do homem; a mulher era escrava da biologia e do seu sistema reprodutivo; era escrava, portanto, do próprio corpo; a mulher deveria ser “livre” para escolher quando e se teria filhos, mas principalmente, livre da maternidade; e se o problema do mundo era a superpopulação, a solução seria o controle populacional. A priori, não se tratava de limitar os nascimentos em geral, e sim dos inaptos, daqueles que não contribuíam para a purificação da raça; mas essa premissa se estendeu também para todos os indesejados, os que pudessem representar peso econômico, os que fossem custosos. Não seria suficiente uma mera reforma social ou política para resolver o problema premente da superpopulação: como socialista, defendia a revolução ao invés dos “paliativos”; era dever das mulheres usar contraceptivos, não apenas um direito. Pode-se dizer que, nesse sentido, Sanger afronta até mesmo o feminismo sufragista, que já existia nos EUA quando ela iniciou sua cruzada contra a maternidade. Para Sanger, os sufragistas atingiam apenas a superfície dos problemas: direitos da mulher, direito ao voto, saúde da mulher, direitos de propriedade, lei do divórcio, nada disso seria relevante em face do problema mais premente para Sanger: a fertilidade feminina e seus efeitos negativos (GORDON, 1999, p. 254). O advento da pílula, a “naturalização” da sexualidade fora do casamento, incluindo-se a desmistificação da homossexualidade, do incesto, da poligamia, da pansexualidade, da pedofilia, da zoofilia, e outros “tabus”; todo esse movimento fortaleceu a percepção de que o sexo está dissociado da complementaridade entre homem e mulher (unicidade), bem como da concepção (procriação); famílias mais “frouxas” vêm sendo formadas, e relações extra-conjugais são estimuladas. A isso, acrescentam-se os movimentos em favor da aprovação do aborto que tomam corpo em diferentes partes do mundo. É evidente, portanto, que a militância ideológica e política de Sanger sobre contracepção contaminou o feminismo de sua época e de momentos posteriores, tendo repercussões até a atualidade.

Segundo Christina Hoff Sommers (1994), o feminismo foi roubado por um “grupo de zelotes” que se arroga o poder de falar por todas as mulheres, mas na verdade as traiu, ao promover uma “nova agenda perigosa que ameaça nossos mais caros ideais e coloca mulheres contra homens em todas as esferas da vida”; para o grupo que domina o feminismo hoje, mulheres não são criaturas livres e vivem em uma sociedade patriarcal na qual o sistema vigente é o da hegemonia masculina. Há pesquisas feministas financiadas com altos recursos, especialmente as que têm viés marxista, ou as conhecidas como “feminismo de gênero”, mas feitas com metodologias bastante questionáveis, que apresentam informação distorcida sobre temas que vão desde estupro até abuso doméstico, passando por vieses econômicos para a suposta crise de auto-estima das garotas, que se perpetua com base no alegado fato de serem “vítimas do patriarcado”. Para as “feministas de gênero”, vivemos uma guerra entre homens e mulheres, e as instituições, desde a família até as universidades, perpetuam a dominância masculina. Esse tipo de feminismo, segundo Hoff Sommers, vai de encontro às reais aspirações e valores da grande maioria das mulheres e acaba por minar a causa da igualdade ou equidade real (SOMMERS, 1994). Conceitos e preconceitos são desenvolvidos e alimentados; análises são impregnadas de termos como patriarcado, que se refere à sociedade, cultura onde o privado e o público estão sob o controle dos homens, ou de alguns homens; sexismo, que indica a abordagem discriminatória da realidade, fundada sobre a hierarquização dos sexos e habitualmente a desvalorização do sexo feminino em relação ao masculino; androcentrismo, que supõe a abordagem do real a partir do ponto de vista do sujeito masculino, que universaliza esse seu ponto de vista.

Em face disso, de acordo com o feminismo dominante na atualidade, parte-se do pressuposto de que a mulher, para superar todos os obstáculos causados pela opressão masculina, tem de poder ser e fazer o que quiser; interessante e paradoxalmente, a literatura que fundamenta essa versão

do feminismo tem como um dos seus ícones Simone de Beauvoir, segundo a qual a mulher não tem o direito de ser dona de casa porque dona de casa não é pessoa: é um parasita. Beauvoir nega qualquer apelo à feminilidade como essência da mulher, e afirma que essa seria uma noção inventada pelos homens para subjugar as mulheres. Trata-se de ideia ou mito pré-concebido para limitar a ação das mulheres, fomentando sua inferioridade e papel secundário na sociedade. Essa autora compreende, de fato, que a mulher representa o segundo sexo, o sexo com papel secundário na sociedade (BEAUVOIR, 1980).

Betty Friedan, outra autora cuja obra é seminal para o feminismo radical da atualidade, afirma que o trabalho de casa é para gente não educada, uma armadilha. A mulher teria de se liberar das amarras da sociedade patriarcal, opressora (FRIEDAN, 1971). Shulamith Firestone, a seu turno, conseguiu instilar na sociedade ocidental, a partir dos EUA, uma visão do feminismo que é bastante referenciada atualmente. Ela defende um feminismo marxista, que considera primeiramente o sexo como uma classe a incorporar a luta de classes proposta por Karl Marx, dado que as “diferenças reprodutivas naturais entre homens e mulheres levaram diretamente à primeira divisão de trabalho nas origens das classes, bem como ofereceram a discriminação baseada nas características biológicas” (FIRESTONE, 1970, p. 9). Para Firestone, mulheres vivem uma “escravidão da biologia” (menstruação, menopausa, reprodução), e até o advento da pílula anticoncepcional tiveram de viver sob esse jugo. É necessário livrar-se dele, e essa realidade se torna política na medida em que essa “tirania sobre mulheres e crianças” evidente na família patriarcal reforça o sistema de exploração (FIRESTONE, 1970, p. 10).

Kate Millet (2000, cap. 4), outra relevante autora cujas ideias são base do feminismo atual, afirma que era necessário mudar a estrutura da família para que a mulher deixe de ser subordinada. Na URSS isso foi tentado, mas a teoria marxista “falhou” em oferecer uma base ideológica

suficiente para a revolução sexual. Seria necessário concordar com Trotski (MILLET, 2000, p. 170) segundo quem os soviéticos falharam em fazer a transformação revolucionária da família. Para Trotski, não se poderia abolir a família, mas substituí-la. Mas o que colocar no lugar? A família teria de ser “desconstruída” e se chama de família a qualquer arranjo social formado por pessoas que se “entendem como família”. Nota-se aqui claramente a perspectiva marxista também evidenciada nas ideias de Sanger sobre a relação da mulher com o homem, a família, os filhos, a biologia, a sociedade. O feminismo de Margaret Sanger é o mesmo feminismo de Beauvoir, Millet, Firestone, apenas atualizado e impregnado de novas perspectivas, conceitos e abordagens, que desembocaram no feminismo de gênero, uma das mais claras contradições que o feminismo gerou.

Gênero é um termo que trata da variação de características pertencentes ao masculino e ao feminino, ou daquilo que os defina. Até meados do século XX, a palavra era basicamente usada para referir-se a questões gramaticais; foi quando o psicólogo e sexólogo John Money, com base em um experimento antiético e falso feito a partir de 1965, lançou para o mundo a “diferença” entre sexo e gênero⁴. Esse experimento cujos resultados foram manipulados e divulgados parcialmente, de modo a sugerir que sexo e gênero seriam elementos dissociados, teve alcance mundial, e o termo gênero passou a ser inoculado, pouco a pouco, para significar a identidade que se constrói social e culturalmente, sendo essencialmente diferente do sexo biológico.

⁴ John Money é considerado o criador da teoria de gênero, e toda ela teve como fundamento o experimento feito com David Reimer. Reimer teve o pênis removido aos oito meses, após uma circuncisão que havia causado severos danos no órgão do bebê. Money fez uma cirurgia na qual “redesignou” o “gênero” do menino, para torná-lo a menina Joan. O elemento de controle, neste caso, era o irmão gêmeo de David. Essa criança, David/Joan, foi acompanhada por médicos, psicólogos e psiquiatras e tinha um comportamento “normal” para uma garota, o que fez com que o experimento fosse divulgado por todo o mundo como uma prova cabal de que o “gênero” seria uma variável flexível. Entretanto, posteriormente se verificou que Joan não se ajustava de forma alguma a sua criação como menina. Mesmo não tendo pênis, identificava-se e se comportava como um menino. Aos 14 anos apenas soube a verdade sobre sua história pessoal. Ameaçou suicídio e lhe foi permitido viver como um garoto, para o qual finalmente as coisas faziam sentido. Depois de muito sofrimento, suicidou-se aos 39 anos. O irmão gêmeo também se suicidou, posteriormente a ele (POLJAKOVIC; DODIG, s/d). O caso que John Money divulgou foi, na verdade, uma fraude. E foi essa fraude que embasou toda a teoria de gênero que veio em seguida.

Feministas, em especial a partir dos anos 80 e 90, se apropriaram da distorção e subversão do termo a partir das falsas conclusões “teóricas” de experimentos como o de Money, e desenvolveram a ideologia que fundamenta a percepção de identidade de gênero. Esse termo se refere a uma “identificação pessoal” com um determinado papel de gênero em uma sociedade. Com isso, por exemplo, o termo mulher, que até então descrevia indivíduos nascidos com os genes XX e que tinham um cérebro e corpo feminino, passaria a referir-se a qualquer pessoa que, em sua própria cabeça, se definisse, declarasse ou identificasse como mulher.

Judith Butler, uma das mais conhecidas ideólogas dessa perspectiva de gênero, nesse sentido, afirma que o gênero de uma pessoa não é um dado. É uma construção social. O gênero se forma a partir da “performatividade”, uma repetição de atos que são induzidos por sanções sociais e tabus. Gênero é uma identidade construída por meio da referida repetição de atos (*made by doing*); presume identificar-se; é um fenômeno que se produz e reproduz todo tempo. Não é algo que se coloque e tire a seu bel prazer porque o ato performativo não apenas comunica, mas também cria identidade (BUTLER, 1990). Ela reitera, talvez de forma distorcida, a ideia de Simone de Beauvoir, segundo a qual, não nascemos (mulheres) um determinado self, mas nos tornamos um, ou melhor, criamos um, por meio de pressão social para nos conformarmos—ou não—com normas pré-existentes. Preconiza-se a igualdade entre homens e mulheres, e que quaisquer diferenças têm de ser contestadas porque homens e mulheres são absolutamente iguais, sendo as diferenças fruto apenas de convenções sociais, opressões históricas derivadas de uma sociedade fundamentada no patriarcalismo machista que estabeleceu papéis diferentes apenas para manter discriminação e tirar poder das mulheres. O sexo biológico é flexível, transitório, maleável, na medida em que pode ser alterado em face de uma escolha por um “gênero” diferente.

Gênero se conformaria, portanto, por um espectro múltiplo, não apenas no binarismo homem/mulher. A família natural (pai, mãe e filhos), também

conhecida como família tradicional, é compreendida pelos ideólogos de gênero como um locus de propagação da opressão do homem sobre a mulher e os filhos. É uma construção meramente cultural, estereotipada. Estimula-se o embate entre homens e mulheres, conceitos genéricos de “amor”, incluindo relacionamentos poliafetivos. Sugere-se também que se retirem os tabus do incesto, da zoofilia, entre outros. Butler, por exemplo, considera a percepção do incesto nas diferentes sociedades como um tabu; cita um estudo no qual o incesto é tratado como tabu baseado em proibição e sanção; esse tabu “não apenas proíbe a união sexual entre membros da mesma linhagem familiar, mas envolve um tabu com a homossexualidade também” (BUTLER 1990, p. 73); segundo Butler, se a mãe é o desejo original [do filho], e isso pode bem ser verdade para uma larga parcela dos lares capitalistas, então esse é um desejo tanto produzido quanto proibido dentro dos termos daquele contexto cultural. Em outras palavras, a lei que proíbe aquela união é a mesma lei que a estimula”; a mesma lei que reprime é a que produz o tabu jurídico do incesto (BUTLER, 1990, p. 76). Não há como negar que esse posicionamento aprofunda e dá contornos bastante nefastos à perspectiva de liberdade sexual décadas antes defendida por Sanger, mas o fundamento de ambas é o mesmo.

Não é necessário um grande esforço de raciocínio para colocar em questão as conquistas do feminismo quanto aos direitos da mulher: se grande parte dessas conquistas se deram em face de características biológicas – capacidade reprodutiva diferente, fragilidade física em comparação com o homem –, e se a partir do feminismo de gênero basta se identificar como mulher para ser mulher, boa parte dessas conquistas fica anulada. Afinal, como falar em “direitos das mulheres” quando a ideologia de gênero defende que mulher é um conceito fluido, determinado a partir da autopercepção? Se não há um sujeito claro para que se defendam seus “direitos”, como criar leis para mulheres? A ideia de gênero implica negar que existam gêneros biologicamente definidos. Se não existe mulher, não há identidade. Por isso, não há o que defender.

Mas com tantas incoerências e inconsistências, muitos homens e mulheres se encontram perdidos. O que fazer para minimizar a grande confusão em que vive a humanidade? Costanza Miriano (2016) indaga: "Nós, mulheres, nos emancipamos, conquistamos a liberdade de escolha, no trabalho, no amor, na vida. Mas a que preço? Somos de fato mais felizes? E sobretudo, fazemos mais felizes as pessoas que nos são confiadas? Será que o feminismo, a revolução sexual e a batalha pela igualdade não acabaram por nos deixar mais sozinhas e tristes? Haveria um antídoto para a doença ideológica, social e espiritual da qual fomos acometidos? Ideias ruins se propagam como vírus, gerando doenças sociais. Mas é possível encontrar ideias e propostas que aplacem esses males. É o que procuraremos apresentar a seguir.

A CURA: EDITH STEIN, A ANTROPOLOGIA PERSONALISTA, O NOVO FEMINISMO

Edith Theresa Hedwing Stein nasceu em Breslau, Alemanha, em 1891 (hoje, Wrocław, Polônia). Nasceu em família judia ortodoxa, na qual a mãe, Augusta, era bastante devota. O pai, Siegfried Stein, faleceu quando Edith tinha apenas um ano, e a mãe decidiu continuar a conduzir os negócios da família, na área madeireira. Stein era a caçula entre onze irmãos.

Edith iniciou seus estudos antes mesmo do tempo regulamentar, dada sua natureza inquisitiva, sua vivacidade e vontade de aprender. Aos treze anos, teve uma crise de fé, tornou-se atea e passou por uma forte depressão, o que lhe fez solicitar à mãe que a tirasse da escola. Mesmo assim, continuou a acompanhar a família nas atividades religiosas, seja na sinagoga, seja em casa; contudo, não compartilhava com os seus sua turbulenta vida interior. Com o tempo, voltou à escola e compreendeu que tinha vocação para ser professora, o que a fez completar em alto nível seus estudos e buscar educação superior (HERBSTRITH, 1992, p. 19 a 22).

A partir de 1911, Stein estudou Psicologia na Universidade de Breslau, onde se deparou com uma abordagem quantitativa, baseada em métodos das

ciências naturais, que relegava a alma à “esfera do irracional e mitológico”, sempre apreciada com desconfiança ou desdém. Essa Psicologia que evocava uma visão positivista e materialista do mundo não podia levar a um conhecimento pleno do ser humano; era insuficiente e limitada. Então Stein teve contato, ainda em Breslau, com o pensamento de Edmund Husserl, o fundador da escola de pensamento da fenomenologia. Tornou-se admiradora das ideias e da metodologia proposta por Husserl para desenvolver as capacidades humanas, e assim encontrou um caminho de pesquisa e desenvolvimento intelectual. Husserl buscava “redescobrir o ‘Espírito’, por meio de um conhecimento purificado, liberto do aparato conceitual, que poderia chegar até o ser das coisas por meio da percepção intuitiva de sua essência” (HERBSTTRITH, 1992, p. 33 e 34). Desde que entrou em contato com a fenomenologia, Stein procurou sair de Breslau para seguir os estudos junto a Husserl, em Göttingen. Quando Stein chegou à Escola de Göttingen, em 1913, a era de ouro já havia passado, e os mais notórios representantes dessa Escola já haviam saído de lá para se tornarem professores ou filósofos independentes; entre esses luminares estavam Adolf Reinach, Hedwig Conrad-Martius, Alexander Koyré, Dietrich Von Hildebrand e Johannes Hering. Mas Husserl continuava seus trabalhos e Stein passou a fazer parte do seu círculo de alunos (HERBSTTRITH, 1992, p. 39).

Com a eclosão da I Guerra Mundial, em 1914, Stein viu-se questionando seu lugar no mundo, a relação de sua vocação com suas atividades profissionais. Ela compreendia que, em tempos de guerra, sua atuação como professora não era tão necessária às outras pessoas como o serviço aos feridos. Fez curso de enfermagem, serviu em um hospital militar como voluntária e, por sua dedicação, especialmente aos moribundos, recebeu medalha de honra da Cruz Vermelha. Mas sua vocação para a academia continuava forte, e em 1916 Husserl a convidou para ser sua assistente, quando lhe ofereceram uma vaga na Universidade de Freiburg. Foi nessa época que Stein submeteu sua tese intitulada “Do problema da Empatia”, e

recebeu o título de doutora *summa cum laude*. Também nesse período ela intensificou sua atuação como educadora, pedagoga e filósofa da educação.

Para que se compreenda o pensamento de Stein, é importante ter em mente suas percepções sobre a educação, dado que a pedagogia, para ela, deveria contemplar um método para buscar a essência do ser humano, em todas as suas facetas. Stein propõe que se busque na pessoa o seu núcleo, sua essência. Não se pode tratar o ser humano como objeto das ciências, mas se deve encarar cada indivíduo como sujeito; portanto, não se pode abstrair a compreensão dessa pessoa como um compêndio de razão, vontade e alma. Educar é, para Stein, tirar de dentro de cada indivíduo as potencialidades que ele já tem, para ele se tornar aquilo que ele pode vir a ser. A liberdade é ser o que fomos criados para ser; isso nos dá autonomia, que é a capacidade de tomar as próprias decisões. Mas não se pode pensar na fenomenologia como uma evocação ao individualismo; para se conhecer o indivíduo, é necessário também conhecer a natureza humana, o que é próprio do homem e da mulher. Assim fazendo, o educador será capaz de conhecer o ser humano no conjunto (SBERGA, 2014). Stein compreendia que, para alcançar esse objetivo, era preciso criar uma nova antropologia, uma forma de enxergar o homem que abarcasse também a dimensão espiritual. Para ela, a psique e o espírito formam a alma humana, e no centro da alma humana, tem-se o núcleo pessoal. É onde está a pessoalidade. Stein defendia que era esse o ponto onde se precisa ir para formar alguém, tendo em vista que a subjetividade humana é um todo.

A fenomenologia, para Stein, representava uma metodologia adequada para se chegar à essência da pessoa, na medida em que a compreende a pessoa e seu *self* não como um princípio formal, um mero objeto de estudo, mas sim como um ser concreto, com uma "história de relações intencionais e com um estilo individual [e próprio] de mudar e se desenvolver" (HEINÄMAA apud URBAN, 2016, p. 541). Fenômenos são as várias e diversas manifestações do ser; ao buscar a essência do ser, lutando contra o empirismo, o ceticismo e o

relativismo, a fenomenologia traz de volta a ontologia, que havia ficado de fora dos ambientes acadêmicos positivistas tão profundamente criticados por Stein (HERBSTTRITH, 1992, p. 38 e 39). A abordagem fenomenológica implica necessariamente uma apreciação sobre as características intelectuais, físicas, emocionais, psicológicas e, claro, também sexuais de cada um, na medida em que a biologia é parte do composto humano; é assim que, em qualquer tipo de relação humana, encontra-se a pessoa, o contexto histórico, social, cultural, econômico no qual se insere, e se aprecia todo esse conjunto para compreender cada ser humano em seu tempo. Por isso se pode afirmar que a fenomenologia traz aportes relevantes para o estudo da questão da mulher, ontem e hoje. A ideia predominante no feminismo contemporâneo, conforme vimos no pensamento de Butler, é a de que as diferenças sexuais “carecem de base ontológica e epistemológica”, e são apenas uma construção social ou invenção conceitual (HEINÄMAA apud URBAN, 2016, p. 540). Butler chega a afirmar que sexualidade e as diferenças sexuais entre homens e mulheres são “efeitos contingentes de forças externas e não se encontram em nada interno ao sujeito” (BUTLER apud URBAN, 2016, p. 540). Contudo, com base em uma percepção fenomenológica do sujeito em sua completude, pode-se afirmar que as diferenças sexuais têm uma base objetiva na natureza das coisas: a pessoa concreta é uma pessoa corporal, porém é mais que apenas um corpo físico. É um corpo vivente, uma unidade entre corpo, alma e intelecto com maneiras próprias de sentir, demonstrar sensibilidade, mobilidade, percepção, entre outras manifestações. Essa metodologia encantou Edith Stein e, quando ela tratava da questão da mulher, das diferenças entre os sexos, ela considerava a manifestação da sexualidade na esfera dos fenômenos cujo conhecimento leva à essência. Nesse sentido, a sexualidade também diz respeito ao que é próprio do indivíduo; ela vai além da corporalidade, da intelectualidade e das emoções, mas as engloba todas. A fenomenologia, portanto, nos convida a apreciar os tipos *homem* e *mulher* para além das unidades biológicas *macho* e *fêmea* e dos produtos históricos, sociais e culturais *masculino* e *feminino*:

trata do homem e da mulher como seres humanos. Isso é bastante relevante, mas pode levar a uma errônea relativização das diferenças entre homens e mulheres (URBAN, 2016, p. 543 e 544). Na sua constante busca pela verdade, Stein não podia aceitar esse tipo de negação da realidade do ser humano. A verdade, para Stein, é a “certeza luminosa de que algo é, ou não é”, e se distingue fundamentalmente da simples opinião e da convicção cega (STEIN apud HERBSTTRITH, 1992, p. 40), e é nessa busca da verdade que ela adentra profundamente o estudo do humano, inclusive nas suas vertentes feminina e masculina.

Por essa razão é tão relevante Edith Stein trazer à tona a necessidade de incluir na apreciação do ser humano a percepção de sua essência espiritual. A partir de sua própria interpretação e complementação ao pensamento de Husserl, Stein concebeu uma antropologia personalista, pela qual suscita a empatia como ferramenta para superar a psicologia que ela compreendia como uma ciência “sem alma”. Para a autora, o todo não permite que corpo, psique ou espírito tenham precedência um sobre o outro. O corpo saudável sustenta uma alma saudável, mas Stein compreendia que a Psicologia do século XIX não tinha essa compreensão: não tratava do ser humano em sua totalidade, em sua estrutura integral; era positivista e desconsiderava a alma humana; dava supremacia à razão; considerava a religião um mito, como já aludido anteriormente. A alma humana, com isso, era relegada a papel irrelevante; mas para Stein, em uma sociedade onde a alma é desconsiderada, em que se aborda só o racional, não se tem mais seres humanos: um ser humano sem alma não é mais um ser humano; a visão positivista reitera a imanência e, como anteriormente mencionado, valoriza o material, o temporal. A imanência é cerceada pela perspectiva de início e fim. Todavia, para Stein, a “alma individual, com sua individualidade única não é (...) algo transitório, destinado apenas a ter impressa em si, por tempo limitado, a estampa de sua específica particularidade, e durante esse tempo, entregar essa particularidade a sua prole, para preservá-la pela

duração da vida do indivíduo. Ao contrário, a alma é destinada a ser eterna, e essa destinação explica porque a alma é chamada a ser uma imagem de Deus de modo inteiramente pessoal” (TEREGO, 2013, n.p). Quando se trata o ser humano como as ciências naturais tratam os elementos da natureza, ou as ciências duras tratam seu objeto, deixa-se de encarar o ser humano como sujeito inserido no tempo e na eternidade. É necessário, portanto considerar as propriedades da alma (STEIN apud SBERGA, 2014). Nessa perspectiva de compreensão fenomenológica, antropológica e personalista da humanidade, pode-se apreciar o modo como Stein tratava a questão da mulher, do que significa ser mulher, do que é o feminino, a feminilidade. É o que faremos a seguir.

Entre os anos 1920 e 1930, Stein proferiu uma série de palestras sobre questões como direitos da mulher, voto, papel social, cultural, econômico e histórico das mulheres, e também a viabilidade da educação feminina na reforma educacional que se desenvolvia naquele momento, na Alemanha. A referida série de palestras foi publicada posteriormente em um livro que, traduzido para o inglês, intitulou-se *Essays on Woman*⁵ (STEIN, 1996). Como pensadora e filósofa, Stein defendia que a espécie humana é dividida, na verdade, em duas espécies – homem e mulher –, cujas características são distintas e específicas, que não podem faltar nem a um nem a outro, e são expressas de modo binário, dual (STEIN, 1996, p. 187). “Não apenas o corpo material é estruturado de modo diverso no homem e na mulher; não apenas homem e mulher têm funções psicológicas diferentes; mas todo o seu corpo vivente é diferente; a relação do corpo com o a alma é diferente e, no que tange à alma, a relação do espírito com a faculdade do sentido, bem como a relação das faculdades espirituais com um e outro são diferentes” para homens e mulheres (STEIN, 1996, p. 187). A espécie feminina tem suas

⁵ Esse livro foi traduzido para outros idiomas, e neste artigo utilizamos as traduções para o português e o espanhol. Como compreendemos que alguns temas podem ser apresentados de modo diferente em diferentes idiomas, com ênfases diversas e possíveis olhares variados, haja vista o trabalho dos tradutores, preferimos utilizar cada um desses livros como referência separada.

peculiaridades, e a masculina outras. Trataremos neste artigo de modo mais detalhado da essência feminina, do algo que distingue a mulher do homem e lhe atribui valor e dignidade; para Stein, a dignidade da mulher pode ser afirmada e vir a florescer no reconhecimento de sua própria natureza.

São João Paulo II, em sua Teologia do Corpo, nos lembra que no Gênesis (1: 27) a criação do Homem é desse modo descrita: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Como afirma Stein, no primeiro relato da criação do Homem, a diferença entre homem e mulher é imediatamente proclamada (STEIN, 1996, p. 60). Contudo, identifica-se também uma igualdade ontológica entre homem e mulher. Essencialmente, homem e mulher são iguais em termos de dignidade, da dignidade de serem filhos de Deus, herdeiros do Reino. Homem e mulher são dignos do mesmo amor divino, igualmente presenteados com o dom da vida, da inteligência, da capacidade criadora, da capacidade do encontro, tal como defende Alfonso López Quintás (2004). Toda a Criação se fez a partir de um desígnio divino, do pensamento de Deus, do querer de Deus, da vontade e ação de Deus, que é sempre perfeita. Deus fez o homem e viu que ele precisaria de uma companheira para ter uma vida em plenitude. A companheira é necessária ao homem. Ele é necessário a ela. A expressão usada na passagem do Gênesis sobre a criação da mulher indica uma companheira e ajudante “tal como ele”, e por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para se unir a sua esposa e se tornar uma só carne. A partir do chamado divino, homem e mulher, juntos, são vocacionados à missão de frutificar, se multiplicar, povoar a terra e sujeitá-la, dominá-la (STEIN, 1996, p. 61). Homem e mulher compartilham a mesma natureza e são igualmente dignos, porém com especificidades – biológicas (constituição corporal, hormônios, neurônios), emocionais, psicológicas. É assim que a Bíblia nos informa sobre a Criação.

É certo que muito do que a Bíblia afirma, a ciência tem confirmado com o passar do tempo. Homens e mulheres já nascem com predisposições físicas,

psicológicas e cognitivas diferentes. "(...) Partes do lobo frontal, responsável por solução de problemas e tomadas de decisão, e o córtex límbico, responsável por regular emoções, são maiores nas mulheres. Nos homens, o córtex parietal, que está envolvido em percepção espacial, e a amígdala, que regula os comportamentos sexual e social são maiores (HOAG, 2008). Mulheres têm 10% mais matéria (massa) branca nos seus cérebros, o que permite mais facilidade de conexão entre as diferentes partes do cérebro; homens têm 6,5 vezes mais matéria (massa) cinzenta no cérebro e essa matéria é associada ao processamento de informações; mulheres têm mais receptores de serotonina, um neurotransmissor bastante associado a humores e depressão. E essas são apenas algumas das diferenças químicas que levam homens e mulheres a diferir em ação, comportamento e sentimentos.

De acordo com estudos feitos por Simon Baron Cohen e seus colaboradores, publicados ainda em 2003, analisando vários casos de bebês na vida intrauterina, chegou-se à elaboração do quociente Empatia/Sistematização (E-S); segundo tais estudos, o cérebro feminino é predominantemente equipado para a empatia, e o cérebro masculino é predominantemente equipado para compreender e construir sistemas. Empatia é a tendência a identificar emoções e pensamentos de outras pessoas, e responder a eles com a emoção apropriada. Pessoas com essa capacidade intuitivamente percebem como outras pessoas se sentem, e como tratar outros indivíduos com cuidado e sensibilidade. Sistematização é a tendência a analisar e explorar um sistema, extrair regras fundamentais que embasam o comportamento de um sistema. Pessoas com essa capacidade tendem a ter mais facilidade de não apenas identificar, mas construir associações, relações causais entre variáveis, entre outros (ZAID, 2010). Baron-Cohen e sua equipe pesquisaram bebês até mesmo em vida intrauterina e chegaram à conclusão de que existe um cérebro masculino e um cérebro feminino. O primeiro tem uma tendência à sistematização, e o segundo, à empatia. Isso se nota até mesmo pelo nível de atenção que

os bebês dão ao contato visual: meninas tendem a prender sua atenção a rostos, e meninos (que têm maior nível de testosterona identificado no fluido amniótico) em brinquedos suspensos, objetos e formas. O autor e sua equipe não negam que cultura e socialização são relevantes para o desenvolvimento de cérebros masculinos ou femininos, entretanto indicam que a biologia tem parte primordial nisso também, o que os ideólogos de gênero sempre negam (BARON-CONHEN, 2005).

De todo modo, as diferenças fundamentais entre homens e mulheres os fazem complementares. No matrimônio, que para Stein deve ser resguardado, respeitado e honrado, está o ápice da complementaridade entre os dois sexos, na medida em que se revela nesse instituto a fidelidade, o sacramento, a prole. Em outras palavras, o matrimônio apresenta-se como imagem trinitária da aliança de Deus com os homens. Edith Stein trata da relação entre homem e mulher a partir de uma convergência entre vocação e missão. A vocação é o conjunto dos trabalhos e criações para os quais cada ser humano é destinado, e que estão inscritos na natureza de todo indivíduo. A missão é a realização dessa vocação. Homem e mulher são chamados (vocacionados) a ser no mundo imagem e semelhança de Deus (a missão fundamental da humanidade) e cumprem sua missão de modos essencialmente diferentes e complementares (STEIN, 1996, p. 59). Deus criou o homem a sua imagem e semelhança. Ocorre que Deus é três em um. Por isso, “do mesmo modo como o Filho procede do Pai, e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, assim também a mulher procedeu do homem e a posteridade procedeu de ambos. Ademais, Deus é amor. Mas é necessário haver pelo menos duas pessoas para o amor existir” (STEIN 1996, p. 60). Nesse sentido, há uma trindade na relação sponsal entre o homem e a mulher. Quando Deus quis que o homem não estivesse só, criou a mulher, e somente sobre a mulher o homem disse: “Esta, sim!” Esse é o assombro, o maravilhar-se diante da beleza da criação da mulher. Assim, em sua essência, a mulher é beleza, companheirismo, completude para o homem (STEIN, 1996, p. 63).

Uma colaboração sadia entre os sexos somente é possível quando as duas partes estão conscientes de sua especificidade com serena objetividade, e extraíam disso as consequências práticas. Apenas quando se desenvolva plenamente a especificidade masculina e feminina, se alcançará a máxima similitude possível a Deus e a mais profunda compenetração de toda a vida terrena com a vida divina (STEIN, 1998).

Mas o que mais é próprio da mulher? Haveria características comuns a todas as mulheres? Como anteriormente mencionado, a perspectiva personalista suscitada pela fenomenologia e, mais especificamente, pela antropologia proposta por Stein, não nega que exista algo da essência da mulher que é característica partilhada pelo conjunto. Há traços de comportamento, psicologia, biologia, e mesmo atitudes espirituais que todas as mulheres compartilham; ainda que cada indivíduo tenha suas peculiaridades, existe algo que Stein denomina *habitus*, composto de constantes atitudes espirituais, que dá um caráter uniforme a certos comportamentos; algumas dessas atitudes são adquiridas com base em tendências naturais (STEIN, 1996, p. 42 e 43). Por isso se pode falar de temperamentos e tendências comportamentais femininas (ou masculinas), sem que se incorra nem na generalização excessiva, nem se caia no individualismo puro. Segundo Stein, em sua época o feminismo negava exatamente a essência feminina, o que acontece hoje também. Para a filósofa, existe uma atitude espiritual tipicamente feminina, que é como ela define a feminilidade, atitude essa que envolve abarcar tudo o que é vivo pessoal e inteiro. Cuidar, guardar, proteger, nutrir e proporcionar o crescimento é seu anseio natural, maternal. O que é desprovido de vida, o fato, a realidade, somente tem interesse para a mulher na medida em que serve ao que é vivo e pessoal (STEIN, 1996, p. 45; 100).

Para Edith Stein, a feminilidade é exatamente o cerne, a essência feminina, que permite à mulher entrar no coração de Deus. No momento em que a mulher se dá conta daquilo que a faz mulher, do que se revela

em sua natureza, passa a compreender de que modo o próprio fato de ser mulher a leva a Deus. A natureza feminina, criada por Deus e decaída pelo pecado, deve ser aperfeiçoada de modo que a mulher possa realizar integralmente a missão de ser imagem e semelhança de Deus. Existiria uma vocação natural feminina? Edith Stein lembra que somente “uma pessoa cega de paixão pela controvérsia pode negar que a mulher – corpo e alma – é formada por um propósito específico. (...) A mulher é destinada a ser esposa e mãe. Tanto física como espiritualmente, ela é capacitada para esse propósito específico, como se vê claramente pela experiência” (STEIN, 1996, p. 44; 74). Por isso, a mulher é vocacionada prioritariamente à maternidade, e a educar e contribuir para o crescimento físico, mental, espiritual e moral daqueles que ela cria ou educa. É relevante notar que, ao abordar a grandiosidade da missão e vocação da mulher como mãe, missão essa espiritual, física, psicológica, conectada à transcendência, Stein defende o exato oposto daquilo que afirmava Sanger (mesmo não se referindo explicitamente a ela), quando esta criticava a “maternidade sagrada”, a que nos referimos anteriormente.

A esse dom maternal, agrega-se a capacidade de ser companheira. Essa companheira se doa ao homem com quem se une em uma só carne. Se a mulher é chamada por Deus a ser companheira do homem, deve exercer essa vocação com os olhos fitos no céu. A vocação também pode ser compreendida como o chamado a uma ação duradoura da alma em direção a uma meta determinada. Assim, toda mulher tem a vocação sobrenatural de levar uma vida de amor pleno a Jesus Cristo e, sendo casada, por amor a Cristo doar-se a seu marido. Nem toda mulher tem vocação religiosa, mas todas devem, na vida de família, profissional e no âmbito da Igreja, “não contar com nossa própria vida, mas dar espaço para a vida de Deus” (STEIN, 1998, p. 69). A mulher ter sido criada a partir do homem não se trata de soberania do homem sobre a mulher porque, na Criação, Eva é companheira e auxiliar, mas o homem deve voltar-se para ela e com ela tornar-se uma

só carne. Por isso, a vida do par primordial é a comunidade de amor mais íntima” e suas faculdades estão em perfeita harmonia (STEIN, 1996, p. 62).

Mas o Plano de Deus foi essencialmente alterado após a queda, no que tange à humanidade e à vocação do homem e da mulher. “A desobediência de Adão é punida com a perda de sua soberania indisputada sobre a terra”, na medida em que passou a ter de trabalhar para conseguir seu sustento. Quanto à mulher, passou a sofrer as dores do parto e a ser subjugada pelo poder de seu marido (STEIN, 1996, p. 62). É claro que o pecado afetou homem e mulher de modos diferentes. A subjugação da mulher ao homem é decorrência de o pecado agir nas áreas em que o feminino é, na sua origem, mais sublime: na maternidade, no ser companheira, no cuidado com a vida. “A participação na vida do seu marido requer subordinação e obediência, conforme a palavra de Deus” (STEIN, 1996, p. 46). “Mas essa forma de sujeição se torna um auto-abandono pervertido e uma forma de escravidão” quando é dada a uma pessoa sem que o foco seja Deus. Somente Deus pode aceitar a submissão completa de uma pessoa sem que ela perca sua alma nesse processo (STEIN, 1996, p. 53). A submissão da mulher ao homem, conforme já se apresenta no Gênesis, decorre do pecado original – na compulsão ao erro, cada ser humano se vê de modo diferente daquele de quando foi criado. Mulheres se sentem atraídas a seus maridos de forma dependente, e maridos se sentem impelidos a dominar suas mulheres. Em face da concupiscência, da natureza caída, homens se tornaram escravos de seus olhos, de uma sexualidade motivada por mero desejo de satisfação, e mulheres se tornaram objeto (STEIN, 1996, p. 74 e 75). As mulheres, ao se apartarem de Deus, criam um véu sobre sua essência original e passam a considerar as superficialidades em detrimento da beleza de nossa própria natureza. Tornam-se sensuais, frívolas, preocupadas em seduzir, quando o belo já é admirável por si mesmo. Mas Stein defende que é possível superar as distorções na essência feminina; no contato permanente com Deus, no render-se a Deus, no Fiat, no deixar-se conduzir por Deus, a mulher pode redimir sua natureza caída.

Mesmo a submissão que vem da queda pode redimir-se; se vista como “dom de se doar”, revela o feminino em sua essência. Segundo Stein, o anseio de todo ser humano é fazer uma aliança com Deus. A aliança com seu esposo ou sua esposa é essencialmente uma prefiguração dessa aliança eterna da criatura com o Criador, esperada e ansiada por todo ser humano. Assim sendo, a vida “de uma autêntica mulher católica é também uma vida litúrgica” (STEIN, 1996, p. 56). Ao viver buscando a Deus, a mulher compreende a magnitude de uma submissão que serve a um marido que a ama como Deus ama sua Igreja. Esse marido ao qual ela serve por amor deve estar disposto a morrer por ela. Nesse sentido, ele também se submete a ela. Por isso, homem e mulher, como companheiros no projeto de salvação, devem formar uma aliança de amor para, em última instância, propiciarem um ao outro meios de salvação (STEIN, 1996, p. 67). A submissão da mulher ao marido, portanto, é a de uma pessoa a outra que dará sua vida por ela. Como lembra Christopher West, em compêndio sobre a Teologia do Corpo de São João Paulo II, que mulher não seria feliz curvando-se à vontade equilibrada e amorosa do homem que está preparado a dar sua vida por ela, assim como Cristo deu sua vida pela sua Igreja? Desse modo, a perspectiva da complementaridade entre homem e mulher, tão entusiasticamente defendida por Edith Stein, aparece como uma realidade. Na Encíclica *Castii Connubii* (1930), anteriormente mencionada neste artigo, Pio XI nos lembra, como em Efésios (5, 22-23), que “as mulheres casadas estão sujeitas a seus maridos, como ao Senhor; porque o homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja”. Essa submissão parece complexa para compreender nos dias de hoje, mas se reveste de uma simplicidade gritante: Pio XI claramente diz que se o homem é a cabeça, a mulher é o coração. Não há como viver um sem o outro. E lembra o ensinamento de Leão XIII, segundo o qual se a mulher se submete ao marido – não como escrava, mas como companheira, dado que é carne de sua carne, osso dos seus ossos – ele, o marido, também deve amá-la como Cristo ama sua Igreja. Nada mais

contrário ao feminismo que coloca mulheres contra homens, que considera todos os homens como opressores. Para compreender o feminismo atual, temos de reconhecer que existem, de fato, casos de mulheres escravas do homem, tratadas como inferiores, como meros objetos de prazer. Contudo, qualquer tipo de generalização como as supracitadas incorre no erro de ampliar o mal, diluir a culpa e, com isso, minimizar eventuais punições aos que efetivamente cometem abusos.

Somente uma portentosa ignorância em relação à doutrina católica poderia ensejar o tipo de julgamento que Margaret Sanger fez em seus escritos à perspectiva católica sobre a vida matrimonial, a abertura à vida, a relação complementar entre homem e mulher. O pensamento de Sanger se espalhou como um vírus, e gerou uma doença grave: ao invés de propor o resgate da dignidade intrínseca à própria humanidade que caracteriza tanto mulher quanto homem, o feminismo desenvolveu-se historicamente no século XX como uma ideologia, ou um conjunto de pretensas teorias dissociadas da realidade, que apenas geram divisão, conflito, destruição. As mulheres chegam a enxergar no homem um inimigo, ou alguém inútil; assim é que influentes feministas na atualidade afirmam: “Todos os homens são estupradores, e é tudo o que eles são. Eles nos estupram com seus olhos, suas leis e seus códigos” (Marilyn French, novelista e feminista americana, na revista americana *People*, em 1978); ou “Uma mulher precisa de um homem como um peixe precisa de uma bicicleta”, frase atribuída a Irina Dunn, educadora, jornalista e política australiana, que a teria cunhado em 1970. Essas são frases icônicas do feminismo atual, e são mera consequência da mentalidade destrutiva inaugurada por pioneiras como Margaret Sanger.

Nesse mister, é relevante mencionar o pensamento de Alice von Hildebrand. Segundo essa importante teóloga e filósofa, um dos maiores perigos que enfrentamos hoje tem relação com o papel da mulher na sociedade, no mundo, na religião. Porque a mulher? Justamente porque por muitos anos, o movimento, filosofia e ideologia do feminismo tem-

se desenvolvido exatamente sobre ideias que diminuem o valor da maternidade, como se ela fosse uma característica deletéria para o crescimento e desenvolvimento da mulher. Há uma guerra à maternidade e, portanto, um ataque à família, ao casamento e a outras instituições nas quais o papel da mulher possa ser discutido.

Todo movimento revolucionário, e o feminismo é um deles, em especial na sua vertente sufragista⁶, pode começar com ideias válidas. A fim de deixar clara a delimitação necessária, neste artigo trataremos da mentalidade revolucionária, ou do revolucionarismo, como fundamento das ideias e ideologias que se seguiram principalmente à Reforma Protestante, ao Renascimento e, mais especificamente, à Revolução Francesa. A Reforma Protestante trouxe consigo o rompimento moral, religioso e cívico com o catolicismo reinante até o fim da Idade Média. O Renascimento aprofundou a cisão do homem com a divindade, buscou no paganismo grego e romano uma nova antropologia, na qual o homem se tornava cada vez mais liberto e consciente do Bem e do Mal, rompendo com a moralidade centrada na sua relação com o divino. Na Revolução Francesa, esses ingredientes tiveram seu ápice de revelação na vida política. O conceito de revolução que aqui se utiliza é fundamentalmente político e, conforme o pensamento de Meira Penna, “só se configura como tal na medida em que responde a alterações substanciais na base moral da sociedade” (PAIM in MEIRA PENNA, 1997, p. 11). Assim sendo, à ideia de rebelião, de romper com grilhões da obediência anterior,

⁶ O feminismo é por vezes abordado segundo a existência de três ondas: a primeira adviria da Revolução Francesa e suas “crias” (Iluminismo, antropocentrismo, “releitura” dos clássicos gregos) – o humanismo que colocava Deus à parte e reivindicava a racionalidade como fundamento da existência tratou de sugerir direitos humanos, mas o viés claro era de direitos dos homens; na segunda onda, feministas norte-americanas e alemãs, a partir do final do século XIX lutavam pelo direito ao voto (sufrágio) para as mulheres, e busca de uma inserção social que reconhecesse a dignidade do papel da mulher – por isso essas feministas são chamadas sufragistas; e a terceira onda seria aquela do socialismo feminista, ou do feminismo marxista, especialmente após meados do século XX. Seria o feminismo radicalizado (SOMMERS, 1994, p. 22 a 24). O marxismo não conseguiu triunfar com base na luta de classes, então para destruir as instituições “perpetuadoras do paternalismo e da opressão”, tais como a Igreja e a família, era necessário colocar em contraste “oprimidos e opressores”, agora mulheres contra homens. Neste trabalho, utilizamos essa divisão temporal do feminismo, conforme Hoff Sommers; contudo, esclarecemos que há outras perspectivas sobre as diferentes fases do feminismo, dado que em alguns casos se definem as “ondas” a partir de temas (direitos; igualdade e luta antidiscriminação; “empoderamento”; interseccionalidade) que indicariam até mesmo a existência de uma quarta onda.

de “arquétipo dinâmico de transformação violenta, quaisquer que sejam os objetivos políticos ou sociais dos revolucionários”, de se formar em algo novo, completamente distinto do que era antes, se associa uma percepção de caos versus ordem: à ordem vigente, indesejada, sucede uma desordem que gera uma nova situação, desejada, à qual somente se chega a partir de um rompimento violento (MEIRA PENNA, 1997, p. 23; 32). O feminismo sufragista, do qual tanto Sanger quanto Stein fizeram parte, se encaixa, a nosso ver, na perspectiva da mentalidade revolucionária: havia uma situação indesejada, de diferenças entre homens e mulheres quanto a direitos de voto, propriedade, casamento, custódia de filhos, entre outros. Era preciso romper com essa realidade e tornar mais equitativa a sociedade, especialmente em termos de política e educação. Mulheres queriam leis melhores contra a discriminação que sofriam em termos socioculturais e buscavam acesso igualitário a direitos (SOMMERS, 1994, p. 22). Para tanto, fizeram greve, iniciando um movimento de ruptura com a ordem anterior, fundamentando suas demandas no princípio iluminista da justiça individual. Nos primórdios, “feminisme”, termo cuja origem é costumeiramente atribuída a Charles Fourier, significaria a busca de emancipação da mulher em relação a sua subordinação legal ao homem, ao mesmo tempo que a liberação em face da dependência econômica (OFFEN, 1987, p. 492). Para a sufragista Carrie Chapman Catt (1914), o feminismo seria uma forma de revolta, disseminada por todo o mundo, contra

“todas as barreiras artificiais que leis e costumes interpõem entre as mulheres e a liberdade humana. Nasce do instinto existente na alma de toda mulher natural, segundo o qual Deus a concebeu como igual, co-trabalhadora, companheira dos homens de sua família, e não sua escrava, serva, dependente, ou brinquedo”(CATT apud JENSEN, 2017, p. 8).

De fato, os fundamentos do feminismo poderiam sintetizar-se na busca do reconhecimento da dignidade inerente a toda mulher como filha de

Deus, criada por Deus à imagem e semelhança d'Ele, tanto quanto o homem. Interessantemente, como nota Alice Von Hildebrand, o feminismo nasceu em países protestantes, nos quais não se tinha a referência da Virgem Maria como ideal de mulher, como a Mulher em sua plenitude. Von Hildebrand afirma que o cristianismo naturalmente reconhece a dignidade intrínseca a cada mulher, na medida em que homem e mulher foram feitos ambos à imagem e semelhança de Deus e são, portanto, metafisicamente iguais. Do mesmo modo que, por Eva, o pecado entrou no mundo, por Maria, a salvação da humanidade pôde ser realizada. Porém, depois do Protestantismo, a veneração e o amor à Virgem Maria foram demolidos pelo paulatino secularismo. Desse modo, "as mulheres perderam dignidade" e se tornaram cada vez mais os "brinquedos do homem", o que maculava o papel das mulheres na sociedade. Para a autora, não é por acaso que o feminismo se iniciou em países protestantes (VON HILDEBRAND, 2019). Ocorre que já nos primórdios do século XX, esse feminismo revolucionário tomava contornos indesejáveis para uma expressiva quantidade de mulheres, entre elas Edith Stein, como já vimos anteriormente. E para reagir a esse movimento, ela já propunha um novo feminismo, que viesse a resgatar o reconhecimento da dignidade intrínseca à condição mesma da feminilidade, à essência do ser mulher.

O Novo Feminismo foi, portanto, uma reação a algumas premissas do feminismo vigente até aquele momento. Stein procurou repensar o papel da mulher na sociedade, no trabalho, na família, já naquele momento bastante influenciado pelo pensamento feminista sufragista. A filósofa alemã teve papel relevante em refletir sobre a mulher em uma perspectiva de complementaridade com o homem, e não partindo, como muitas sufragistas, de confrontação, luta e antagonismo. Stein procurava realçar a dignidade ontológica da mulher em face de igual dignidade do homem, mas indicava que a diferença – biológica, social, cultural – seria critério fundamental para se entenderem as relações entre ambos. Nesse sentido, não há prescrição na obra de Stein sobre a mulher, como se nota

no feminismo de então; Stein não determina como deve ser a atuação da mulher na sociedade; ela percebe que o próprio feminismo já trazia em si um gérmen de confronto e luta entre homens e mulheres que não seria benéfico nem para um nem para outro. O “nouveau feminisme” do início dos anos 1920 sugeria que não há nem superioridade nem igualdade de direito ou de fato entre homens e mulheres, mas diferentes perspectivas, visões de mundo e papéis entre homens e mulheres, contudo ambos demandando o mesmo grau de respeito e a ambos atribuído valor semelhante. As mulheres deveriam ser valorizadas, entre outras coisas, também como donas de casa e educadoras dos filhos; homens e mulheres devem ter reconhecida sua dignidade e sua individualidade. O catolicismo hoje tenta resgatar essas ideias e complementá-las.

A partir do pensamento de João Paulo II expresso em sua Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (1988), bem como em sua Carta às Mulheres (1995) e mais especificamente em sua Encíclica *Evangelium Vitae* (1995), sugere-se no meio católico que se trabalhe um novo feminismo que se debruce sobre a condição feminina, sobre a vocação e a missão, dignidade e direitos da mulher, inspirado nas ideias de Edith Stein. João Paulo II aponta para a necessidade de transformar a cultura de modo a apoiar a vida, a dar às mulheres um lugar digno, especial e decisivo na sociedade, seja em pensamento, seja em ação. Para o Santo Padre, dependeria das mulheres a promoção de um “novo feminismo que rejeita a tentativa de imitar modelos de ‘dominação masculina’ para reconhecer e afirmar a verdadeira essência da mulher (*the true genius of women, o ingenium* feminino) em todos os aspectos da vida em sociedade, e superar toda discriminação, violência e exploração” (JOÃO PAULO II, 1995b). Existe uma teologia (um conhecimento de Deus) na medida em que nossos corpos revelam o “significado definitivo de tudo que se revelou quando o Verbo se fez carne”. A fé católica é baseada na encarnação da segunda pessoa da Trindade, no Deus feito Homem. Homem e mulher fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. E qual é a teologia do corpo da mulher? Maria é *Theotokos*

(a portadora da divindade). Essa realidade tem de brilhar no corpo de cada mulher. “Um corpo de mulher literalmente se tornou o paraíso na Terra. E as mulheres precisam revelar em seus corpos a realidade de que são também chamadas a ser um sinal do paraíso na Terra” (WEST, Simpósio 2018).

Quando se toma como referência as ideias de Edith Stein, não há espaço para confusão e divisão na abordagem do papel social, histórico e cultural da mulher, nem tampouco na compreensão das relações entre homens e mulheres ao longo da história. Por outro lado, ideias como as de Sanger, dissociadas da realidade, antinaturais e, em última análise, antimulher, são fonte de ideologias, teorias e movimentos que não contribuíram para melhorar a condição humana. As más ideias são como um vírus que gera doença social; mas podemos buscar a cura. No que tange à questão da mulher, um caminho certamente virtuoso é o do Novo Feminismo.

CONCLUSÃO

Duas mulheres que viveram no mesmo tempo histórico produziram relevantes discussões e escritos sobre a questão da mulher; uma delas teve suas ideias divulgadas e propagadas, reiteradas e incorporadas à vida social dos mais diferentes países; a outra, porém, teve abrangência restrita. A primeira é Margaret Sanger; a segunda, Edith Stein.

O quadro desenhado por Sanger quanto aos direitos da mulher e sua inserção social instilou na sociedade ocidental um vírus letal, que hoje ameaça toda a base dessa mesma sociedade: por meio de um feminismo socialista defensor de uma igualdade sexual entre homens e mulheres, de uma liberdade sexual sem tabus, e de uma dissociação entre sexualidade, casamento e prole, Sanger contribuiu para abalar os fundamentos da civilização ocidental: família e religião. Teve sucesso, portanto, em sua empreitada revolucionária. Mas há reações. Para curar a humanidade da doença social que o pensamento de Sanger suscitou a partir do feminismo marxista e seu fruto mais podre, o feminismo de gênero, propõe-se uma vacina: o Novo Feminismo.

Esse Novo Feminismo se baseia na visão de Edith Stein sobre a natureza feminina, sobre a essência da mulher e sobre o papel que a mulher pode exercer na sociedade. Fundamenta-se nas diferenças entre homens e mulheres para evocar a complementaridade entre os sexos; valoriza o matrimônio como ápice dessa complementaridade; trata da vocação básica da mulher para a maternidade e a sponsalidade. Enfim, sugere uma busca da natureza humana na verdade. Esse pode ser um poderoso instrumento para debelar a confusão mental, espiritual e psicológica em que vivem muitos homens e mulheres hoje. Para tanto, a mulher deve buscar se reencontrar com sua natureza.

Nessa busca, deve compreender que quem lhe atribui dignidade é a própria condição humana que, por sua vez, lhe é atribuída por Deus. Essa dignidade emana do fato mesmo de a mulher ter sido criada à imagem e semelhança d'Ele, como mulher. Isso infunde, em sua natureza, características que devem contribuir para o cumprimento de sua vocação e missão, conforme o que Deus quer. Não é possível à mulher viver em plenitude quando quer se portar como homem, seja na vida profissional, seja em qualquer outro relacionamento. Assim, a mulher se fortalece, como indivíduo, como mãe, esposa, profissional, crentes, somente quando se entrega "como crianças nas mãos de Deus" (STEIN, 1996). Buscar a Deus constantemente, levando uma vida eucarística, em "relação confidencial com o Senhor no tabernáculo" (STEIN, 1996, p. 56), é o que dará à mulher a possibilidade de viver plenamente de acordo com sua natureza. É preciso buscar para encontrar em Deus aquilo que revela a dignidade feminina; trilhando esse caminho, nenhuma mulher dependerá do feminismo deturpado para lhe garantir dignidade, reconhecimento, aceitação, amor ou poder. É preciso assumir sua verdadeira natureza, sua força e dignidade inerentes à própria feminilidade. Sendo verdadeiramente católicas, tendo Maria como modelo, não é necessária qualquer ideologia como muleta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON-COHEN, Simon. *The essential difference: the male and female brain*. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Simon_Baron-Cohen/publication/232430614_The_Essential_Difference_The_Truth_About_The_Male_And_Female_Brain/links/547cdb7a0cf2cfe203c1fde2/The-Essential-Difference-The-Truth-About-The-Male-And-Female-Brain.pdf. Acesso em 11 de março de 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2 v.

BENOIT, Lelita Oliveira. Feminismo, gênero e revolução. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 76-88.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

FIRESTONE, Shulamith. *The dialiectic of sex: the case for feminist revolution*. New York: Bantam Book; William Morrow and Company Inc., 1970.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GORDON, Linda. *The Moral Property of Women: a history of birth control politics in America*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2002.

HERBSTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a biography*. San Francisco: Ignatius Press, 1992.

HOAG, H. *Sex on the brain*. *New Sci* 2008; 199: 28-31.

JENNES, Gail. 'All men are rapists,' accuses Marilyn French, a bitter theme that pervades her Best-selling novel. February 20, 1978. Disponível em: <https://people.com/archive/all-men-are-rapists-accuses-marilyn-french-a-bitter-theme-that-pervades-her-best-selling-novel-vol-9-no-7/>

JENSEN, Kelly (ed.). *Here we are: feminism for the real world*. New York: Algonquin, 2017.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem: sobre a dignidade e a vocação da mulher, por ocasião do Ano Mariano*. 1988. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_ap_19880815_mulieris-dignitatem.html

_____. *Carta do Papa João Paulo II às Mulheres*. 1995. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html.

_____. *Evangelium Vitae*. 1995. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Inteligência Criativa: descoberta pessoal de valores*. São Paulo: Paulinas, 2004.

MEIRA PENNA, José Oswaldo de. *O espírito das revoluções: da revolução gloriosa à revolução liberal*. Prefácio de Antonio Paim. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade Ed, 1997.

MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2000.

MIRIANO, Costanza. *Quando eravamo femmine: lo straordinario potere delle donne*. Venezia: Sonzogno, 2016.

OFFEN, Karen. Sur l'origine des mots "féminisme" et "féministe". *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 34 N°3, Juillet-septembre 1987. pp. 492-496.

_____. *European Feminisms (1700-1950)*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

PIO XI. *Casti Connubii*, 1930. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html

POLJAKOVIC, Ivan; DODIG, Goran. Gender theory flaws. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/55efa8b5e4b0c21dd4f4d8ee/t/58b8748f37c581e124fca85a/1488483486831/Poljaković+%26+Dodig+-+JHS+vol.+7.pdf>. Acesso em 2 de agosto de 2019.

SANGER, Margaret. *The Woman Rebel*, vol 1, nr 1, March 1914. Disponível em: <https://libcom.org/files/images/library/The%20Woman%20Rebel%20v1.n01.jpg>

_____. *Family Limitation*. 6th edition, Revised, 1917. Disponível em: <https://archive.lib.msu.edu/DMC/AmRad/familylimitations.pdf>

_____. *Woman and the New Race*. New York, 1920. Disponível em: http://pdfbooks.co.za/library/MARGARET_SANGER-WOMAN_AND_THE_NEW_RACE.pdf

_____. The Eugenic Value of Birth Control Propaganda. *The Birth Control Review*, Oct. 1921.

_____. *The Unfit* ,” s.d.. Typed draft article. Source: Margaret Sanger Papers, Sophia Smith Collection , *Margaret Sanger Microfilm: Smith College Collections* S73:0246 .

_____. *The Pivot of Civilization*. NY: Brentano's, 1922,, pp. 101-102.

_____. The Function of Sterilization,“ *Birth Control Review*, Oct. 1926.

_____. *My Way to Peace*. 17 Jan. 1931. Typed draft article. Source: *Margaret Sanger Papers*, Library of Congress. , Library of Congress Microfilm 130:198 .

_____.a. A Plan for Peace, *Birth Control Review*, April 1932. Disponível em: https://www.issues4life.org/pdfs/1932_peaceplan_margaretsanger.pdf.

_____.b. *The Pope's Position on Birth Control*, 27 Jan 1932. Published article. Source: *The Nation*, Jan. 27, 1932 [Vol. 135, No. 3473]: 102-104. , *Margaret Sanger Microfilm* C16:324. .

_____. America Needs a Code for Babies, Article 3, 27 Mar 1934. (<https://www.nyu.edu/projects/sanger/webedition/app/documents/show.php?sangerDoc=101807.xml>)

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Ed. Paulus, 2014.

SOMMERS, Christina Hoff. *Who stole feminism? How women have betrayed women*. New York: Simon and Schuster, 1994.

STEIN, Edith. *Essays on Woman*. 2nd ed revised. Washington, DC: ICS Publications, 1996.

_____. *La mujer*. Madrid: Biblioteca Palabra, 1998.

_____. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. São Paulo: Edusc, 1999.

TEREGO, Alex. *Edith Stein*. Philosopher. Mystic. Martyr. Feminist. E-Kindle book, 2013. Não paginado.

URBAN, Petr. Edith Stein's phenomenology of woman's personality and value. In REGH, Stephan; SPEER, Andreas (ed.) *Alles Wesentliche lässt sich nicht schreiben: Leben und Denken Edith Steins im Spiegel ihres Gesamtwerks*. Freiburg: Verlag Herder, 2016.

VON HILDEBRAND, Alice. *The privilege of being a woman*. Ave Maria: Sapientia Press, 2000.

_____. *Man and woman: a divine invention*. Ave Maria: Sapientia Press, 2013.

_____. Restoring the dignity and vocation of women. Institute of Catholic Culture, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2H36gFpyPg>. Acesso em 1 de agosto de 2019.

_____. *The role of women in the Church and Society*. Institute of Catholic Culture, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vM6WJV_P2Mw. Acesso em 1 de agosto de 2019.

WEST, Christopher. *Theology of the Body for beginners: a basic introduction to Pope John Paul II's sexual revolution*. West Chester, Pa: Ascension Press, 2004.

_____. Simpósio sobre a Teologia do Corpo, Universidade Católica de Brasília: Brasília, 2018.

ZAIDI, Zeenat F. Gender differences in human brain. *The Open Anatomy Journal*, 2010, Volume 2, 2010, p. 37-55.

SITES DA INTERNET SEM AUTORIA:

GENDER DIFFERENCES IN BRAIN DEVELOPMENT. <https://pairedlife.com/gender-sexuality/Gender-Differences-In-Brain-Development>

THE PHRASE FINDER. <https://www.phrases.org.uk/meanings/414150.html>